

Aristóteles (384-322 a.C)

Aristóteles traz, um conceito de “alma” fundamentalmente diferente do de Platão no tocante à sua origem e natureza. Ela não é de uma natureza estranha ao mundo natural, originada na transcendência do mundo ideal. Para Aristóteles, a alma está relacionada à **vida**, é o **princípio da vida**. A alma não é imediatamente ainda um “espírito”, uma consciência ou inteligência. Como tal, ela não é privativa do homem, e sim de todo o ser vivo. Aristóteles insere a sua compreensão da alma no conjunto dos seres no mundo da *physis*: alguns seres são inanimados, outros têm vida, e são vivos porque possuem um princípio animador e vivificador, a alma. A vida é um modo de ser essencialmente superior ao corpo inanimado, e o princípio desse modo de ser é a alma.

“O conhecimento da alma propicia importantes contribuições à verdade inteira, e antes de mais nada a respeito da natureza. Com efeito, ela é o princípio próprio dos viventes” (DA, I, 1, 402).

A noção de alma é fundamentalmente biológica. A alma é o que constitui um organismo vivo como tal, diferenciando-o dos seres inertes e inanimados e, portanto, não é uma noção exclusivamente humana.

Aristóteles concebe a vida como “automovimento” (*tó autokineton*), a capacidade de movimento imanente, que tem um fim (*telos*) em si mesmo. O próprio dos viventes é “se mover”, ao passo que os seres inanimados só podem ser movidos por outro. O princípio do “automovimento” é a alma.

As três espécies de alma

A vida, no entanto, não é unívoca; os seres vivos não são todos iguais, a vida é diferenciada. Ela inclui três graus de potencialidades claramente distintas que fundamentam operações nitidamente diferenciadas. Os graus da vida são então:

— A **vida vegetativa**, que inclui as capacidades de nascimento, crescimento, reprodução e morte;

— A **vida sensitiva**, com a capacidade de percepção e movimento local – todos os seres vivos têm pelo menos a sensação tátil, diz Aristóteles.

— A **vida intelectual**, a capacidade de pensamento, deliberação e escolha.

Por conseguinte, Aristóteles distingue três “espécies” de alma, cada uma delas sendo princípio de um determinado grau de vida: **alma vegetativa** (plantas), **alma sensitiva** (animais) e **alma racional** (homem). Entende-se as almas no sentido inclusivo, do maior ao menor: a alma racional inclui as potencialidades sensitivas; a alma sensitiva inclui as potencialidades vegetativas. Assim, o homem não possui “três” mas uma só alma, que inclui as potencialidades inferiores.

O homem um ser político

Um dos pontos mais importantes do pensamento de Aristóteles é a sua concepção da vida ética que se traduz de forma plena na vida comunitária. O homem é um “ser comunitário” (“*zoon politikon*”) por excelência: é vivendo de acordo com a razão na “*polis*” (comunidade) que o homem atinge a sua perfeição como ser racional e moral.

A servidão natural

Mas faz a natureza ou não de um homem um escravo? É justa e útil a escravidão ou é contra a natureza? É isto que devemos examinar agora.

O fato e a experiência, tanto quanto a razão, nos conduzirão aqui ao conhecimento do direito.

Não é apenas necessário, mas também vantajoso que haja mando por um lado e obediência por outro; e todos os seres, desde o primeiro instante do nascimento, são, por assim dizer, marcados pela natureza, uns para comandar, outros para obedecer.

Entre eles, há várias espécies de superiores ou de súditos, e o mando é tanto mais nobre quanto mais elevado é o próprio súdito. Assim, mais vale comandar homens do que animais. O que se executa mediante melhores agentes é sempre mais bem executado, partindo então a execução do mesmo princípio que o comando; ao passo que, quando aquele que manda e aquele que obedece são de espécies diferentes, cada um sacrifica algo de seu.

Em tudo o que é composto de várias partes, quer contínuas, quer disjuntas, mas tendentes a um fim comum, sempre notamos uma parte eminente à qual as outras estão subordinadas, e isso não apenas nas coisas animadas, mas também nas que não o são, tais como os objetos suscetíveis de harmonia.

Mas, aqui, me afastarei por certo de meu objetivo.

O animal compõe-se primeiro de uma alma, depois de um corpo: a primeira, por sua natureza, comanda e o segundo obedece. Digo "por sua natureza", pois é preciso considerar o mais perfeito como tendo emanado dela, e não o que é degradado e sujeito à corrupção. O homem, segundo a natureza, é aquele que é bem constituído de alma e de corpo. Se nas coisas viciosas e depravadas o corpo não raro parece comandar a alma, é certamente por erro e contra a natureza.

É preciso, portanto, como dissemos, considerar nos seres animados a autoridade do senhor e a do magistrado: a primeira é a da alma sobre o corpo; a segunda exerce sobre as paixões humanas o poder da razão. É claro que o comando, nestas duas espécies, é conforme à natureza, assim como ao interesse de todas as partes, e a igualdade ou a alternância seriam muito nocivas a ambas.

O mesmo ocorre com o homem relativamente aos outros animais, tanto os que se domesticam quanto os que permanecem selvagens, a pior das duas espécies. Para eles é preferível obedecer ao homem; seu governo é-lhes salutar.

A natureza ainda subordinou um dos dois animais ao outro. Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção.

Assim, em toda parte onde se observa a mesma distância que há entre a alma e o corpo, entre o homem e o animal, existem as mesmas relações; isto é, todos os que não têm nada melhor para nos oferecer do que o uso de seus corpos e de seus membros são condenados pela natureza à escravidão. Para eles, é melhor servirem do que serem entregues a si mesmos. Numa palavra, é naturalmente escravo aquele que tem tão pouca alma e poucos meios que resolve depender de outrem. Tais são os que só têm instinto, vale dizer, que percebem muito bem a razão nos outros, mas que não fazem por si mesmos uso dela. Toda a diferença entre eles e os animais é que estes não participam de modo algum da razão, nem mesmo têm o sentimento dela e só obedecem a suas sensações. Ademais, o uso dos escravos e dos animais é mais ou menos o mesmo e tiram-se deles os mesmos serviços para as necessidades da vida.

A natureza, por assim dizer, imprimiu a liberdade e a servidão até nos hábitos corporais. Vemos corpos robustos talhados especialmente para carregar fardos e outros usos igualmente necessários; outros, pelo contrário, mais disciplinados, mas também mais esguios e incapazes de tais trabalhos, são bons apenas para a vida política, isto é, para os exercícios da paz e da guerra. Ocorre muitas vezes, porém, o contrário: brutos têm a forma exterior da liberdade e outros, sem aparentar, só têm a alma de livre.

Limitando-nos aos aspectos materiais, como no caso das estátuas dos deuses, não hesitamos em acreditar que os indivíduos inferiores devem ser submissos. Se isto é verdade quando se trata do corpo, por mais forte razão devemos di-lo da alma; mas a beleza de um não é tão fácil de discernir quanto a da outra.

Não pretendemos agora estabelecer nada além de que, pelas leis da natureza, há homens feitos para a liberdade e outros para a servidão, os quais, tanto por justiça quanto por interesse, convém que sirvam. No entanto, é fácil ver que a opinião contrária não seria inteiramente desprovida de razão.

Questões

1. A partir da concepção aristotélica do ser humano, escreva a respeito da potencialidade da alma.
2. Aristóteles afirma que "*o homem é por natureza um ser vivente político*". Você está de acordo com tal afirmação? Argumente e apresente alguns exemplos que justifiquem a sua resposta?

